

África

A seguir, representação cartográfica que demonstra a localização da África, em relação ao mundo. (Fonte: www.altona.com.br)



Europeus partilham a África

A Conferência de Berlim, entre 1884 e 1885, reuniu muitos países europeus que iriam decidir como dividir administrativamente o continente (como se ninguém habitasse o lugar), chegando, assim, à conclusão de quem geriria esse ou aquele local da África (gerir ou explorar?). Essa conferência foi resultado da competição entre os países europeus por terras no continente, dessa forma poderia ser partilhado, no papel, cada pedaço do continente africano. Essa partilha em escritório explica o motivo pelo qual muitos países africanos aparecem com fronteiras tão regulares no mapa... só poderia ser assim, foi partilhada à régua!

Porém, a África apresentava uma população nativa que habitava o local há milênios, e isso sequer foi cogitado pelos europeus: os europeus fizeram com os africanos algo parecido com o que fizeram aos nativos das terras brasileiras, todos foram vistos como populações atrasadas e selvagens. Assim, sobre um continente que apresentava seus povos e seus territórios, desenhou uma nova África, que foi construída por mãos européias, novos contornos e novos territórios foram obrigados a surgir. Por isso ocorreu o fato de povos inimigos ficarem dentro de um mesmo país e algumas tribos serem divididas ao meio, tudo porque as fronteiras européias não coincidiam com as dos reinos e tribos que já habitavam o continente, logo, uma nova África seria inventada. Esse desencontro e mistura de povos promoveram (e promovem, até hoje) uma confusão étnica e cultural entre os moradores dos países, pois, uns não reconhecem os outros, pois, não existe uma identificação histórico-cultural.

Um dos conflitos mais violentos ocorridos em solo africano, sequer foi travado por africanos, mas sim por europeus, que disputavam a exploração do local onde hoje é a

África do Sul. Os holandeses (chamados de bôeres) colonizaram a região, mas a Inglaterra, em 1843, tomou uma dessas colônias, tentando tomar outra, em 1881, momento em que os holandeses não aceitam a investida inglesa e atacam. A Inglaterra acaba vencida pelos holandeses, recuperando a independência das repúblicas bôeres. Porém, em 1899, nova guerra é iniciada pela Inglaterra, na tentativa de tomar as repúblicas e explorar o ouro e os diamantes presentes na região. Dessa vez os ingleses vencem, mas não têm tempo para comemorar, pois, os bôeres recuperam a autonomia sobre o lugar em 1903 e, em 1910, é fundada a União Sul-Africana, unindo todas as colônias bôeres em um só país. A unificação ocorreu sob a exigência de serem seguidas as leis do regime do “Apartheid”, que visava a distinção entre negros e brancos, e a supremacia dos europeus sobre os africanos... o “Apartheid” promoveu problemas no decorrer do século XX.

O problema do “Apartheid” só foi solucionado na década de 1990, quando o enfraquecimento dos líderes políticos locais deram vazão a uma revolta pela democracia, e a queda do regime segregacionista foi inevitável. Em 1994, Nelson Mandela, um dos principais combatentes contra o preconceito e a segregação, foi eleito presidente da África do Sul.

África após a Segunda Guerra

Devido à partilha do continente, muitas tribos foram separadas e tribos inimigas ficaram em um mesmo país, isso promoveu uma verdadeira guerra entre civis, que lutavam para subjugar a cultura que lhes era estranha (ainda que, também, africana), assim sendo, a paz era algo pouco provável em muitos países. No âmbito da Guerra Fria, a busca de aliados, por parte dos Estados Unidos e da União Soviética, era um fato comum e, frente às exigências do momento geopolítico, algo necessário. Percebendo esse conflito no qual vivia o povo africano, as duas forças mundiais trataram de conquistar líderes de países africanos, fornecendo armas e recursos para trazer o povo para o lado capitalista ou socialista. Esse é mais um fator adicionado aos conflitos já existentes, além dos países sofrerem pelas diferenças étnicas e culturais, passariam a brigar por visões políticas e socioeconômicas. Assim, dentro de um mesmo país africano, poderia haver não só pessoas com diferenças culturais, mas, a partir da união à EUA ou URSS, também haveria pessoas com divergências de visão socioeconômica.

Somália e Etiópia

A seguir, representação da localização de Etiópia e Somália. (Fonte: www.marianistas.org)



Somália e Etiópia formam um bom exemplo de conflito por poder, no continente africano. No final da década de 1970, a Somália invade um território etíope (Ogaden), que já era uma reivindicação histórica dos somalis e que, também, apresentava grande parte de sua população de origem somali (apesar de estar em poder da Etiópia). Em 1978, a Etiópia recupera o controle da região e a mantém sob seu controle (o conflito ficou conhecido como “Guerra do Chifre da África”), com isso a Somália ficou extremamente empobrecida, e teve seu ditador deposto, em 1991. O fim da Guerra Fria e a falta de ajuda oferecida por qualquer força global (Estados Unidos ou União Soviética), que já não se interessavam mais em obter aliados na África, deixando os países à própria sorte, são fatores que contribuíram para o caos social. Enquanto isso, facções somalis tentaram subir ao poder, mas, não conseguindo manter a força, se revezavam em uma situação de eterno conflito interno. Essa situação fez com que a ONU exigisse o fim do comércio de armas com o país e a reivindicasse a distribuição de alimentos e donativos, o que não melhorou a situação de violência e pobreza, que é cada vez mais séria.

A Etiópia também sofreu com o conflito e ficou bastante empobrecida, inclusive, perdendo uma de suas regiões conquistadas no século XIX. A região onde viviam os eritreus sempre foi uma área de constantes conflitos, que culminaram, em 1993, na independência da Eritreia (além disso uma seca castigou o país e matou 2 milhões de habitantes, deixando a Etiópia em péssimas condições). A Eritreia localiza-se em uma região estratégica próxima ao mar vermelho e é foco de muita atenção pelos estrategistas militares.

Ruanda

A seguir, representação que localiza Ruanda. (Fonte: www.hsw.uol.com.br)



O país foi colônia alemã, de 1885 até 1914, e de belgas, de 1914 até 1963, possuindo, atualmente, 8 milhões de habitantes. O problema surge quando os encarregados de administrar o lugar, pelos colonizadores, são a minoria no país (povo “tutsi”), assim, ocorre a promoção da ira da grande maioria populacional, os “hutus”. Em 1959, os “tutsis” foram expulsos e perseguidos pelos “hutus”, mas jamais aceitaram essa expulsão, e iniciaram uma briga política por seus direitos, que repercutiu, nas ruas, em guerras civis... a brutalidade cresceu quando “tutsis” provenientes de Uganda incorporaram-se aos de Ruanda. As relações em Ruanda seguem divididas, apesar dos “hutus” viverem no país temendo alguma retaliação, mesmo com a vitória política dos “tutsis”.

Os tutsis e os hutus são ramificações de um mesmo grupo étnico original, os bantos. Essa ramificação se deu, com o passar do tempo, por divergências políticas e por convicções de domínios de territórios. Ainda que a origem seja a mesma, os dois povos possuem diferenciações que se deram posteriormente, basicamente devido à colonização européia, que delegou o poder a um dos povos, pondo o outro, ainda que sendo maioria em número, em uma condição de submissão. Cabe ressaltar que, geneticamente, hutus e tutsis não se diferenciam, apresentando, portanto, o mesmo aspecto físico, bem como a mesma língua e aspectos culturais. O ponto de inflexão, entre esses dois povos, é, realmente, a política, motivada pela introdução de uma organização de sociedade, de origem estrangeira... européia.

Argélia

A seguir, representação com a localização da Argélia. (Fonte: www.luventicus.org)



O país foi uma colônia francesa, a partir de 1930, onde os franceses criaram um sistema de privilégios para poderem se beneficiar das relações políticas e econômicas, frente aos habitantes do lugar. Essa prática gerou uma grande desigualdade social, o que, pouco a pouco, foi revoltando os nativos que, evidentemente, não possuíam esses privilégios. O país que se localiza no norte da África levantou-se em armas, em 1954, buscando sua independência através de um grupo chamado de “Frente de Libertação Nacional”, que iniciou com um grupo de combatentes no campo e expandiu-se para a cidade, só que sem sucesso, pois, em 1957, a França reprimiu violentamente as revoltas.

Pouco tempo mais tarde, os argelinos voltaram a lutar e, dessa vez, contando com o apoio internacional, que via na questão argelina um motivo que deveria ser levado em conta e que o movimento era uma luta justa. Desgastada pela guerra e pressionada pela opinião pública internacional, a França se viu obrigada a negociar a independência da Argélia, que se concretizou em 1962, com a assinatura do Acordo de Évian.

Os revoltosos sobem ao poder, sob a bandeira do Socialismo e, em 1965, através de um golpe de Estado, um grupo de militares ligados à União Soviética chega ao poder, unindo a Argélia ao bloco socialista na Guerra Fria. Essa realidade vai até 1978, quando o país começa a abrir-se mais ao capitalismo, e essa abertura faz surgir, de seu núcleo religioso, uma nova realidade, o islã, que busca separar-se totalmente do contato com o ocidente. A partir desse momento a Argélia entrará em um impasse que vigora até os dias atuais (nos últimos anos, os governos tem tentado reprimir a revolta islâmica), que é o fato de grupos islâmicos não aceitarem a política liberal do Estado, o que promove um choque entre população e governo.

Angola



Angola era uma colônia portuguesa, que iniciou a articular sua independência no momento em que Portugal começou uma luta interna para derrubar a ditadura de Salazar, foi aproveitando esse momento de fragilidade portuguesa que o país africano lutou por sua liberdade. Surgem, nos anos 1960, três grupos angolanos de guerrilha que pretendem lutar contra a dominação portuguesa: União Nacional para a Independência Total de Angola – UNITA - (grupo com apoio dos EUA), Movimento Popular pela Libertação de Angola (grupo apoiado por Cuba e pela União Soviética) e Frente Nacional pela Libertação de Angola (grupo apoiado pelos EUA).

O Movimento Popular pela Libertação de Angola, de orientação socialista, saiu vitorioso com a independência do país e, cada vez mais, as teorias marxistas iam adentrando no país, até que, em 1977, o grupo se transformou em um partido político com orientação socialista. O UNITA jamais aceitou a vitória socialista, por esse motivo sempre esteve contrariando as decisões do governo, até que em 1990 se decidiu por assinar um acordo de paz interna, para acabar com os conflitos entre o governo e a oposição. Esses conflitos políticos angolanos transcendem os limites da conversa e vão para o campo do embate físico, são conflitos extremamente violentos; mesmo com a eleição e com a vitória do MPLA, sempre existe o risco de uma revolta da oposição, ainda mais sabendo que ela tem o apoio americano.